



Formação Docente: Princípios e Fundamentos 2

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Formação Docente: Princípios e Fundamentos 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| F723 | Formação docente [recurso eletrônico] : princípios e fundamentos 2 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente: Princípios e Fundamentos; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-369-9 DOI 10.22533/at.ed.699193005 1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 370.71 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A problemática da formação docente é um fenômeno que, inegavelmente, encaminha-se para a necessidade de mudança nos programas formativos voltados para modelos meramente transmissores e burocráticos, uma vez que na atualidade a competência do profissional docente perpassa muito além das fronteiras disciplinares e dos procedimentos de transmissão do conhecimento. O formalismo que tem contornado a pedagogia de muitas de nossas universidades coloca o ensino em uma disposição ambígua, já que, por um caminho, ele é supervalorizado, a mera transmissão de conhecimentos tem sido o seu maior motivo de existência; de outro, ele é menosprezado, porquanto pesquisa, para muitos, é atividade inegavelmente mais nobre que ensino. Esse debate atravessa diariamente as portas da universidade e invade o cotidiano das escolas, tendo como porta-voz um professor planejado para ministrar aulas, aplicar provas, atribuir notas, aprovar ou reprovar os alunos. E por sua vez os alunos são vítimas de um sistema de ensino ultrapassado e reprodutor de ideologias dominantes, prosseguem toda a sua vida escolar na posição de receptáculos de conteúdo, ouvintes acomodados e repetidores de exercícios vazios de sentido e significado. Esse é um fato por nós conhecido, o qual requer ordenamentos políticos, econômicos e pedagógicos para assegurar o desenvolvimento de uma nova cultura docente. Cultura esta que demanda a presença da pesquisa como princípio científico e educativo.

Um dos aspectos fundamentais referentes aos profissionais da educação encontra-se inscrito no Título VI, artigos 63 e 67, da Lei 9394/96 (BRASIL, 1996) e, diz respeito à obrigatoriedade da valorização, bem como do seu aperfeiçoamento profissional. Desde então, a formação continuada dos professores tem sido objeto de interesse da pesquisa científica e do crescente investimento de governos em todas as esferas da administração pública. Investimento esse que no dizer de Gatti e Barretto (2009, p. 199), traduz-se num “ensaio de alternativas de formação continuada de professores”. Diante desse contexto legal, novos paradigmas têm orientado os programas de formação continuada, fortalecendo as linhas do aprimoramento profissional e da melhoria da qualidade da educação nas redes públicas. Em outras palavras, são vários os formatos e as modalidades desses programas, com vistas a manter o professor atualizado frente às demandas educacionais da contemporaneidade, em busca de uma escola melhor como garantia da inserção do aluno como cidadão de uma sociedade exigente em informação e conhecimento. Nesse sentido, a formação continuada, enquanto política pública, sugere o desenvolvimento de uma identidade profissional a ser construída pelo próprio professor por meio da pesquisa e da reflexão sobre sua prática pedagógica. Essa continuidade do processo de formação docente, a ser assumida pelos sistemas públicos de ensino, implica responsabilidade individual do professor, do Estado assegurando recursos para viabilizá-la e da sociedade, em termos de melhorias na qualidade da educação pública escolar.

A formação de professores é uma das temáticas que mais tem estado presente nas discussões sobre a educação brasileira no âmbito das escolas públicas do Brasil. Além da importância que vem sendo atribuída, em termos nacionais, o motivo desse destaque se prende a dívida do país em relação a uma educação escolar de qualidade para toda a população. Nesse contexto, insere-se ainda a precária formação dos professores e a perda de sua identidade profissional, o que dificulta a construção de uma escola democrática, de qualidade que vise a cidadania. Há uma preocupação por parte de gestores e educadores em relação à qualidade de ensino e a formação de professores.

Para Tardif (2002, p.112), a formação docente voltou-se para a prática a partir dos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos, na década de oitenta, onde a sala de aula tornou-se importante objeto de investigação. A partir de então a prática docente passou a ser valorizada e investigada. No Brasil, esses estudos iniciaram-se na década de noventa. Tardif (2002, p.1140), considera que, inicialmente, a reforma educacional preocupava-se com a organização curricular. Enquanto, atualmente, preconiza-se os saberes docentes, a formação docente. Entendendo-se que esta é a melhor maneira de formar professores, a partir da análise da prática do outro. Sendo capaz de desenvolver no futuro professor capacidade crítico- reflexiva para interagir com o conhecimento, gerar novos saberes, e com isso, reconstruir a identidade do professor. A formação docente preocupa-se, cada vez mais, com a formação de uma nova identidade docente baseada em princípios éticos, investigativos, críticos e reflexivos.

Nesse sentido, considerar a escola como locus de formação continuada passa a ser uma afirmação fundamental na busca de superar o modelo clássico de formação professores. Contudo, não se alcança esse objetivo de uma maneira espontânea. Não é o simples fato de estar na escola e de desenvolver uma prática escolar concreta que garante a presença das condições mobilizadoras de um processo formativo. Uma prática repetitiva, mecânica, não favorece esse processo. Para que ele se dê é importante que essa prática seja capaz de identificar os problemas, de resolvê-los. As pesquisas são cada vez mais confluentes, que esta seja uma prática coletiva, uma prática construída conjuntamente por grupos de professores ou por todo o corpo docente de uma escola.

A valorização do saber docente, atual, vem provocando uma importante reflexão e pesquisa no âmbito pedagógico nos últimos anos. Tardif, Lessard e Lahaye (1991), afirmam que o saber docente é um saber “plural, estratégico e desvalorizado”. Plural porque constituído dos saberes das disciplinas, dos saberes curriculares, dos saberes profissionais e dos saberes da experiência. Estratégico porque, como grupo social e por suas funções, os professores ocupam uma posição especialmente significativa no interior das relações complexas que unem as sociedades contemporâneas aos saberes que elas produzem e mobilizam com diversos fins. Desvalorizado porque, mesmo ocupando uma posição estratégica no interior dos saberes sociais, o corpo

docente não é valorizado frente aos saberes que possui e transmite. Muitas explicações que podem ser dadas para essa realidade. Os vários setores da atividade humana passam por significativas mudanças que se concretizam em novas configurações da ordem econômica e política relacionada ao conhecimento, às vinculações pessoais, às comunicações, entre outras, que trazem consequências muito diretas para a educação escolar. Tais mudanças afetam de maneira particular a formação de professores, área que se situa não só no âmbito do conhecimento, mas também da ética, em que estão em jogo entendimentos, convicções e atitudes que compõem o processo de preparação docente.

A identidade do professor é um processo que reúne a significação social da profissão, a revisão das tradições, a reafirmação das práticas consagradas com as novas práticas, o conflito entre a teoria e a prática, a construção de novas teorias. Este é um processo contínuo que envolve um ciclo entre construção e reconstrução permanente que tem como princípio o caráter questionador, crítico e reflexivo que o professor deve assumir. Esta constante reformulação da identidade profissional do professor, apesar de constante, tem um tempo certo para acontecer; passa por um período de acomodação, desacomodação e reacomodação, para que possa ser assimilado, e só então, vivido e experimentado. É fundamental observar que a identidade do professor é uma só, constituída pela sua identidade pessoal e sua identidade profissional.

Os educadores são unânimes em reconhecer o impacto das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino, levando a uma reavaliação do papel da escola e dos professores. Entretanto, por mais que a escola seja afetada nas suas funções, na sua estrutura organizacional, nos seus conteúdos e métodos, ela se mantém como instituição necessária à democratização da sociedade. Por isso, o tema da formação da identidade de professores assume no Brasil de hoje importância crucial. Não há reforma educacional, não há proposta pedagógica sem professores, já que são os profissionais mais diretamente envolvidos com os processos e resultados da aprendizagem escolar. Num momento político-social e educacional como o que enfrentamos no Brasil hoje, de clara hegemonia do projeto atual, essas questões não podem deixar de estar presentes na agenda da formação continuada de professores. Questões de fundo como “que tipo de sociedade?” Não podem estar ausentes do debate e cotidiano dos professores, junto com a análise crítica das reformas educativas que vêm sendo proposta. A formação da identidade profissional dos professores deve ser alicerçada em sua capacidade de se ressignificar, de pesquisar, de questionar e estar constantemente refletindo sobre a práxis, sobre seus saberes e fazeres, reconhecendo seu papel na melhoria social, dentro do que lhe compete. Neste processo a identidade profissional dos professores interfere no trabalho docente pois, um ciclo ininterrupto de ressignificação, de busca constante, de conflitos e descobertas. O que não se confunde com a falta de identidade profissional, ou a perda desta identidade. Conclui-se que a formação da identidade destes

profissionais é diferenciada das dos professores das áreas específicas por alguns fatores ora positivos, ora negativos e que dão certa especificidade a identidade destes profissionais. Fatores como a feminilização desta profissão, os baixos salários, a formação em nível médio na modalidade magistério de grande parte do corpo docente (o que esta mudando com o investimento na formação superior destes profissionais, mas ainda de modo restritivo, pois não se formam Pedagogos, e sim professores de séries iniciais com formação superior, o que além de limitar sua atuação, restringe seu currículo às habilidades pertinentes a docência), o reconhecimento da importância desta modalidade de ensino versus o investimento precário para este setor educacional e as constantes intervenções políticas, além da idade e das necessidades sociais e econômicas da clientela a que é destinado o serviço educacional neste setor, são apenas alguns destes fatores. A cobrança social é muito grande e muitas vezes o professor das séries iniciais se vê descaracterizado sua identidade para atender às necessidades de seus alunos, para que, somente então, possa realizar seu trabalho (não que isso não aconteça com professores de outras áreas, mas a pressão exercida é diferenciada em função da pouca idade da clientela). Sua identidade embora esteja em constante processo de resignificação deve ter bases sólidas, para não se perder e sucumbir as pressões, interferências e modismos tão frequentes em seu trabalho. Conclui-se afirmando que, junto com as enormes contribuições que essas novas tendências têm trazido para repensar a questão da formação da identidade de professores, é necessário também estarmos conscientes de seus limites e silêncios. Temos de estar conscientes da necessidade de articular dialeticamente as diferentes dimensões da profissão docente: os aspectos psicopedagógicos, técnicos, científicos, político-sociais, ideológicos, éticos e histórico-culturais.

Abre o livro o artigo A PROVA ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DOS PRIMEIROS ANOS DA BAIXADA SANTISTA, os autores Cícero Guilherme da Silva,, Everton Gomes Silva, Maria Alves de Souza Filha, Nilcéia Saldanha Carneiro, Patrícia Scatolin Teixeira Diniz, buscam identificar qual o sentido da prova escrita para estudantes dos primeiros anos do ensino médio; analisar se tais avaliações têm relevância significativa para o aprendizado do estudante; verificar se os estudantes veem esse tipo de avaliação como aprendizagem formativa e emancipadora, ou se apenas cumprem com as políticas e práticas estabelecidas pelas instituições e pontuar quais as principais dificuldades apresentadas pelos estudantes em sua formação no início do ensino médio na relação sobre a forma de avaliar do professor. Na perspectiva de compartilhar o artigo NA “COMPARTILHANDO SABERES: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL”, os autores, Alexandre Montagna Rossini, Amanda Ribeiro Vieira, Juliana Cristina Perlotti Piunti, Plínio Alexandre dos Santos Caetano, buscam descrever o projeto “Compartilhando Saberes” desenvolvido pela Equipe de Formação Continuada de Professores do Campus

Sertãozinho do IFSP. No sentido de indagar o artigo ¿PARA QUÉ SIRVEN LAS HUMANIDADES MÉDICAS? CONSIDERACIONES SOBRE LA MEDICIÓN DE SU IMPACTO, a autora Isabel Morales Benito tem o propósito tratar de una rama del saber que se ha ido implantando en los últimos años y que se crece, caya vez con mayor impulso, tanto en el ámbito de la investigación como en su aplicación para la educación médica. Na perspectiva de inovar p artigo APRENDIZAGEM EM AMBIENTE DE INOVAÇÃO NO IFSP: RELATO SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA OLIMPÍADA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA (OBG), os autores Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol, Lucas Labigalini Fuini, Elias Mendes Oliveira, buscam relatar a experiência de participação do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus São João da Boa Vista, na 3ª. Olimpíada Brasileira de Geografia (OBG), realizada desde 2015, detalhando os aspectos concernentes às estratégias de ensino-aprendizagem mobilizadas para participação dos alunos na edição de 2017. No artigo METODOLOGIA ATIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE CONCEITOS MATEMÁTICOS, os autores Sabrina Sacoman Campos ALVES e Elton Lopes da SILVA Buscam relatar uma experiência de um curso de formação continuada, vivenciado no primeiro semestre de 2017, com professores da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental de um colégio da rede privada de ensino da cidade de Marília/SP. No artigo A autonomia docente no contexto de uso dos sistemas privados de ensino, as autoras Tatiana Noronha de Souza Maristela Angotti, buscam apresentar parte de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo é analisar o conhecimento de professoras de pré-escola sobre a proposta pedagógica para a educação infantil, no contexto de uso de um Sistema Privado de Ensino – SPE. No artigo A APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS GEOMÉTRICOS POR MEIO DO RECURSO DO DESENHO GEOMÉTRICO: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA, os autores Robinson Neres de Oliveira e José buscaram por meio da pesquisa de Mestrado cujo título é "Contribuição do Desenho Geométrico na apropriação de conceitos geométricos". No artigo A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: RELACIONANDO A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PROFISSIONAL, o autor Heitor Luiz Borali buscam pesquisar sobre o processo de avaliação e suas dimensões, analisando seus contextos como um instrumento para a investigação de problemas de aprendizagem como objeto que pode conduzir discriminação, a negação e a exclusão. No artigo A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A UTONOMIA DO PROFESSOR, as autoras Lucimara Del Pozzo Basso e Marcia Reami Pechula buscam suscitar alguns apontamentos e provocações a respeito da BNCC e da implicação deste documento na autonomia do professor. No artigo A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA E A MOBILIZAÇÃO DE SABERES DOCENTES POR PROFESSORES ATUANTES NUM PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, os autores Francine de Paulo Martins Lima, Helena Maria Ferreira, Giovanna Rodrigues Cabral, Daiana Rodrigues dos

Santos Prado Buscou investigar a constituição da docência e os saberes mobilizados por um grupo de professores, no âmbito de um programa de alfabetização de jovens e adultos. No artigo A DEFICIENCIA DE ENSINAR: FORMAÇÃO DOCENTE, INCLUSÃO E CONFLITOS NA ATUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, os autores Rubens Venditti Júnior, Márcio Pereira da Silva, Milton Vieira do Prado Júnior, Amanda Scucuglia Cezar, Cristian Eduardo Luarte Rocha, Luis Felipe Castelli Correia de Campos Buscam pesquisar como os professores de EF em geral conseguem atender às necessidades dos Deficientes Intelectuais (DI), tendo em vista que a função do professor é ensinar de maneira eficaz e inclusiva, ao passo que ainda encontramos a carência de oportunidades e poucos oferecimentos de atividades ao público PCD, principalmente na especificidade da DI. No artigo a docência como profissão na sociedade midiática: implementação de projeto PIBID em escola pública PAULISTA, os autores Rosemara Perpetua Lopes, João Paulo Cury Bergamim, Eloi Feitosa buscam apresentar resultados de um projeto que teve como objetivo propiciar a aprendizagem da docência a alunos de um curso de Licenciatura em Física, desenvolvido em escolas estaduais de uma cidade do interior paulista, com foco nas especificidades do campo de atuação do professor e nas exigências atuais que pairam sobre esse profissional. No artigo A FORMAÇÃO ACADEMIA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA NA LICENCIATURA DE UMA UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA, os autores Camila Fornaciari FELICI, Virginia Mara Próspero da CUNHA, Livia Roberta da Silva VELLOSO, os autores buscam analisar a prática pedagógica de um professor do curso de licenciatura em Educação Física de uma universidade do Vale do Paraíba, na disciplina de Ginástica Artística. No artigo A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM MUNICÍPIO DO SUDESTE GOIANO, as autoras Janaina Cassiano Silva, Priscilla de Andrade Silva Ximenes, Altina Abadia da Silva, Eliza Maria Barbosa buscam por meio de um projeto de extensão, com financiamento do PROEXT, que teve como objetivo promover um processo de avaliação, reflexão e socialização dos conhecimentos da Psicologia Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico-Crítica, ampliando as possibilidades de atuação da equipe pedagógica da educação infantil de um município do sudeste goiano. No artigo A FORMAÇÃO CONTINUADA E O CURRÍCULO NA ÁREA DE ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, a autora Isabela Bilecki da CUNHA analisa os índices insatisfatórios de alfabetização dos alunos dos primeiros anos do ensino fundamental da rede municipal de São Paulo nos anos 2000 que levaram a adoção de propostas de formação docente com foco no processo de alfabetização e aquisição de habilidades na leitura e na escrita nas gestões de Marta Suplicy (2001-2004), com o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), e de José Serra (2005-2006) e Gilberto Kassab (2006-2012) com o Programa “Ler e Escrever”. No artigo A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES POLIVALENTES NOS CURSOS DE PEDAGOGIA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS, a autora Renata Nassralla Kassis buscou

examinar o conteúdo das falas de treze professoras polivalentes obtidas em encontros de Grupo Focal cujos dados foram interpretados à luz de Pimenta, Freire, Fusari e Silva Cruz, dentre outros. No artigo A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA A PARTIR DO TRABALHO COM O AMBIENTE ALFABETIZADOR, as autoras Francine de Paulo Martins Lima, Cláudia Barbosa Santana Mirandola, Helena Maria Ferreira buscam discutir as possibilidades de articulação teoria e prática na formação do professor alfabetizador a partir do trabalho com o tema ‘ambiente alfabetizador’. No artigo A FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: OPORTUNIDADE PARA A INOVAÇÃO E MELHORIA DOCENTE EM PATRIMÔNIO URBANO E PLANEJAMENTO, os autores Daniel Navas-Carrillo, Ana Rosado, Juan-Andrés Rodríguez-Lora, María Teresa Pérez-Cano, buscam descrever o ciclo de melhorias implementado na disciplina de “Patrimônio Urbano e Planejamento” da licenciatura em Arquitetura da Universidade de Sevilha. No artigo A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E O ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA FACULDADE PRIVADA DO INTERIOR DO ESPIRITO SANTO, as autoras Sandra Maria Guisso e Geide Rosa Coelho, buscam investigar como o ensino de ciências está inserido no curso de pedagogia de uma faculdade privada do interior do Espírito Santo. No artigo A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DE LICENCIATURA, os autores Simone Guimarães Custódio, Irene Matsuno, Sebastião Raimundo Campos, Márcia M. D. Reis Pacheco, Suelene Regina Donola Mendonça, Marilza Terezinha Soares de Souza, buscaram através de entrevistas saber um pouco da trajetória profissional de professores que através dos relatos biográficos, contribuíram para configurar a sua vida pessoal e profissional. No artigo A INFRAESTRUTURA ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO GRANDE ABC, os autores Daniela Silva e Costa SANTANA, Elisabete Filomena dos SANTOS, Nanci Carvalho Oliveira de ANDRADE, Clarice Schöwe JACINTO, Paulo Sergio GARCIA Buscaram investigar e analisar a infraestrutura escolar de Educação Infantil da Região do Grande ABC. No artigo A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O CASO DO INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO, os autores Ivair Fernandes de AMORIM e Eder Aparecido de CARVALHO o presente estudo busca evidenciar os principais conceitos presentes no regramento legal e institucional analisado assim como evidenciar lacunas e eventuais fragilidades. No artigo A LITERATURA COMO RECURSO FACILITADOR NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA DA CRIANÇA SURDA a autora Maria de Lourdes da Silva busca compreender como a literatura pode auxiliar a criança surda no processo de aquisição da leitura e escrita, dentro de uma proposta de ensino bilíngue. No artigo A ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO PELO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NOVATO: DESAFIOS, QUALIDADES E IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE, os autores Maisa ALTARUGIO e Samuel de SOUZANETO busca identificar

e analisar as qualidades ou recursos pessoais (LE BOTERF, 2002) e profissionais (TARDIF, 2010) que são mobilizados e desenvolvidos por um docente universitário novato que assume, sem preparação ou formação prévia, a responsabilidade do papel de orientador de estágios supervisionados. O artigo A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE, os autores Francisca de Moura MACHADO, Eustáquio José MACHADO, Diego Viana Melo LIMA busca analisar as políticas de formação docente para a inclusão, com foco nas vozes dos professores do atendimento educacional especializado nas salas de recursos multifuncionais. No artigo A PROPOSTA DE PIERRE MONBEIG, AROLD DE AZEVEDO E MARIA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO PARA O CURRÍCULO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA SECUNDÁRIA (1935), os autores João Luiz Cuani Junior e Márcia Cristina de Oliveira Mello . trata-se de pesquisa documental e bibliográfica desenvolvida por meio de localização e análise de fontes documentais, dentre elas o texto "O ensino secundário da Geografia", publicado no ano de 1935, na revista Geografia. No artigo A UTILIZAÇÃO DA ABRANGÊNCIA POR PROJETOS NO ENSINO FUNDAMENTAL os autores Gabriela Correia da Silva Zulind Luzmarina Freitas, Carolina Zenero de Souza, Lilian Yuli Isoda buscou-se realizar o levantamento bibliográfico de estudos referentes a Projetos realizados em Escolas, em particular Projetos realizados por Professores de Matemática. No artigo A UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ECOLOGIA, os autores Roberta Seixas, Denise Maria Margonari, Carolina Xavier Esteves, Paulo Rennes Marçal Ribeiro buscaram pesquisar novos modelos avaliativos, que pudessem proporcionar uma maior abrangência de questões a serem investigadas, que não fossem somente as de caráter formativo e científico, mas que oferecessem um olhar mais amplo acerca de pontos que poderiam ser desvelados por meio de construção de histórias em quadrinhos.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A PROVA ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DOS PRIMEIROS ANOS DA BAIXADA SANTISTA | |
| Cícero Guilherme da Silva Everton Gomes Silva Maria Alves de Souza Filha Nilcéia Saldanha Carneiro Patrícia Scatolin Teixeira Diniz | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930051 | |
| CAPÍTULO 2 | 11 |
| COMPARTILHANDO SABERES: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL | |
| Alexandre Montagna Rossini Amanda Ribeiro Vieira Juliana Cristina Perlotti Piunti Plinio Alexandre dos Santos Caetano | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930052 | |
| CAPÍTULO 3 | 22 |
| ¿PARA QUÉ SIRVEN LAS HUMANIDADES MÉDICAS? CONSIDERACIONES SOBRE LA MEDICIÓN DE SU IMPACTO | |
| Isabel Morales Benito | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930053 | |
| CAPÍTULO 4 | 36 |
| APRENDIZAGEM EM AMBIENTE DE INOVAÇÃO NO IFSP: RELATO SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA OLIMPÍADA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA (OBG) | |
| Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol Lucas Labigalini Fuini Elias Mendes Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930054 | |
| CAPÍTULO 5 | 49 |
| METODOLOGIA ATIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE CONCEITOS MATEMÁTICOS | |
| Sabrina Sacoman Campos Alves Elton Lopes da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930055 | |
| CAPÍTULO 6 | 56 |
| A AUTONOMIA DOCENTE NO CONTEXTO DE USO DOS SISTEMAS PRIVADOS DE ENSINO | |
| Tatiana Noronha de Souza Maristela Angotti | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930056 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 7 | 67 |
| A APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS GEOMÉTRICOS POR MEIO DO RECURSO DO DESENHO GEOMÉTRICO: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA | |
| Robinson Neres de Oliveira José Roberto Boettger Giardinetto | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930057 | |
| CAPÍTULO 8 | 79 |
| A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: RELACIONANDO A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PROFISSIONAL | |
| Heitor Luiz Borali | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930058 | |
| CAPÍTULO 9 | 95 |
| A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A AUTONOMIA DO PROFESSOR | |
| Lucimara Del Pozzo Basso Marcia Reami Pechula | |
| DOI 10.22533/at.ed.6991930059 | |
| CAPÍTULO 10 | 106 |
| A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA E A MOBILIZAÇÃO DE SABERES DOCENTES POR PROFESSORES ATUANTES NUM PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS | |
| Francine de Paulo Martins Lima Helena Maria Ferreira Giovanna Rodrigues Cabral Daiana Rodrigues dos Santos Prado | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300510 | |
| CAPÍTULO 11 | 118 |
| A DEFICIÊNCIA DE ENSINAR: FORMAÇÃO DOCENTE, INCLUSÃO E CONFLITOS NA ATUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA | |
| Rubens Venditti Júnior Márcio Pereira da Silva Milton Vieira do Prado Júnior Amanda Scucuglia Cezar Cristian Eduardo Luarte Rocha Luis Felipe Castelli Correia de Campos | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300511 | |
| CAPÍTULO 12 | 136 |
| A DOCÊNCIA COMO PROFISSÃO NA SOCIEDADE MUDIÁTICA: IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETO PIBID EM ESCOLA PÚBLICA PAULISTA | |
| Rosemara Perpetua Lopes João Paulo Cury Bergamim Eloi Feitosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300512 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 13 | 149 |
| A FORMAÇÃO ACADEMIA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA NA LICENCIATURA DE UMA UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA | |
| Camila Fornaciari Felicio Virginia Mara Próspero Da Cunha Livia Roberta Da Silva Velloso | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300513 | |
| CAPÍTULO 14 | 161 |
| A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM MUNICÍPIO DO SUDESTE GOIANO | |
| Janaina Cassiano Silva Priscilla de Andrade Silva Ximenes Altina Abadia da Silva Eliza Maria Barbosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300514 | |
| CAPÍTULO 15 | 174 |
| A FORMAÇÃO CONTINUADA E O CURRÍCULO NA ÁREA DE ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL | |
| Isabela Bilecki Da Cunha | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300515 | |
| CAPÍTULO 16 | 185 |
| A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES POLIVALENTES NOS CURSOS DE PEDAGOGIA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS | |
| Renata Nassralla Kassis | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300516 | |
| CAPÍTULO 17 | 200 |
| A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA A PARTIR DO TRABALHO COM O AMBIENTE ALFABETIZADOR | |
| Francine de Paulo Martins Lima Cláudia Barbosa Santana Mirandola Helena Maria Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300517 | |
| CAPÍTULO 18 | 215 |
| A FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: OPORTUNIDADE PARA A INOVAÇÃO E MELHORIA DOCENTE EM PATRIMÔNIO URBANO E PLANEJAMENTO | |
| Daniel Navas-Carrillo Ana Rosado Juan-Andrés Rodríguez-Lora María Teresa Pérez-Cano | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300518 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 19 | 231 |
| A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E O ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA FACULDADE PRIVADA DO INTERIOR DO ESPIRITO SANTO | |
| Sandra Maria Guisso Geide Rosa Coelho | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300519 | |
| CAPÍTULO 20 | 242 |
| A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DE LICENCIATURA | |
| Simone Guimarães Custódio Irene Matsuno Sebastião Raimundo Campos Márcia M. D. Reis Pacheco Suelene Regina Donola Mendonça Marilza Terezinha Soares de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300520 | |
| CAPÍTULO 21 | 254 |
| A INFRAESTRUTURA ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO GRANDE ABC | |
| Daniela Silva e Costa Santana Elisabete Filomena Dos Santos Nanci Carvalho Oliveira De Andrade Clarice Schöwe Jacinto Paulo Sergio Garcia | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300521 | |
| CAPÍTULO 22 | 265 |
| A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O CASO DO INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO | |
| Ivair Fernandes de Amorim Eder Aparecido de Carvalho | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300522 | |
| CAPÍTULO 23 | 278 |
| A LITERATURA COMO RECURSO FACILITADOR NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA DA CRIANÇA SURDA | |
| Maria de Lourdes da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300523 | |
| CAPÍTULO 24 | 290 |
| A ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO PELO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NOVATO: DESAFIOS, QUALIDADES E IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE | |
| Maise Altarugio Samuel De Souza Neto | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300524 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 25 | 301 |
| A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE | |
| Francisca De Moura Machado Eustáquio José Machado Diego Viana Melo Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300525 | |
| CAPÍTULO 26 | 312 |
| A PROPOSTA DE PIERRE MONBEIG, AROLD DE AZEVEDO E MARIA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO PARA O CURRÍCULO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA SECUNDÁRIA (1935) | |
| João Luiz Cuani Junior Márcia Cristina de Oliveira Mello | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300526 | |
| CAPÍTULO 27 | 321 |
| A UTILIZAÇÃO DA ABORDAGEM POR PROJETOS NO ENSINO FUNDAMENTAL | |
| Gabriela Correia da Silva Zulind Luzmarina Freitas Carolina Zenero de Souza Lilian Yuli Isoda | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300527 | |
| CAPÍTULO 28 | 333 |
| A UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ECOLOGIA | |
| Roberta Seixas Denise Maria Margonari Carolina Xavier Esteves Paulo Rennes Marçal Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.69919300528 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 346 |

A PROVA ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DOS PRIMEIROS ANOS DA BAIXADA SANTISTA

Cícero Guilherme da Silva

Escola Estadual Deputado João Evaristo Curvo
ciceroguilherme@gmail.com

Everton Gomes Silva

Universidade Católica de Santos - UNISANTOS
e-mail: evertongomes@gmail.com

Maria Alves de Souza Filha

Escola Estadual Deputado João Evaristo Curvo
mariaalvesfilha@hotmail.com

Nilcéia Saldanha Carneiro

Universidade Católica de Santos - UNISANTOS
e-mail: nilceia.saldanha@hotmail.com

Patrícia Scatolin Teixeira Diniz

Escola Estadual Deputado João Evaristo Curvo
pstdiniz@gmail.com

RESUMO: O presente artigo será desenvolvido com um grupo focal de estudantes e terá como tema a prova escrita como instrumento de avaliação da aprendizagem do ensino médio de escolas públicas do primeiro ano da baixada santista. Os objetivos do trabalho serão: Identificar qual o sentido da prova escrita para estudantes dos primeiros anos do ensino médio; analisar se tais avaliações têm relevância significativa para o aprendizado do estudante; verificar se os estudantes veem esse tipo de avaliação como aprendizagem formativa e emancipadora, ou se apenas cumprem com as políticas e práticas

estabelecidas pelas instituições e pontuar quais as principais dificuldades apresentadas pelos estudantes em sua formação no início do ensino médio na relação sobre a forma de avaliar do professor. O trabalho será qualitativo e os dados serão coletados por meio de entrevistas com estudantes dos primeiros anos do ensino médio da rede pública estadual da baixada santista. Serão levantados dados sobre os principais anseios dos alunos. Haydt (1992) afirma que avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores ou interpretar dados qualitativos para obter um parecer ou julgamento de valor, tendo por base padrões ou critérios. Com base no tema avaliação para a realização deste trabalho faremos uso dos conceitos dos autores: Luckesi; Vasconcellos; Freitas, que abordam sobre a temática aferida neste trabalho. Acredita-se que o trabalho permitiu abordar os principais questionamentos dos estudantes na escola a qual fazem parte e que eles são ativos, participativos e sabem o que realmente querem, no quesito educação de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação, Ensino-aprendizagem, Práticas Educacionais.

1 | INTRODUÇÃO

A avaliação é o mote central de muitas escolas. Quando se trata de avaliação de estudantes há maneiras distintas em fazê-la, mas no dia a dia e em muitos contextos é a prova escrita, que permeia o ambiente escolar o qual, ambos, professor e educando, estão geograficamente inseridos. Segundo Vaconcellos, (1995, p. 37) “A prática da avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, “branco”, medo, angustia, insônia, ansiedade, decepção, introjeção de autoimagem negativa”. A prova como fim e não como meio precisa ser revistas, pois pode trazer danos irreversíveis nos autores. Uma escola que precisa recorrer à pressão da nota certamente é uma triste escola e não está educando, é uma escola fracassada. (VASCONCELLOS, 1995, p. 37).

O processo que é visto apenas a nota final, subtende-se, que o desenvolvimento do estudante em sala de aula, seu rendimento em todos os níveis não foram aferidos e que a nota em si é tida como fator mais importante do processo. Luckesi (2002) afere que a avaliação é um recurso pedagógico que não pode ser vista como sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos, mas sim amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva.

A avaliação do ensino-aprendizagem não está pronta, acabada, mas se faz o tempo inteiro no âmbito educativo, todo o desenvolvimento, tais como: seminários, atividades extras, aprendizagem do conteúdo, entre outros, necessitam serem vistos. Nesse sentido, a prova escrita quando aplicada não será vista apenas como produto final, mas como um diagnóstico e uma produção a mais para a avaliação crítica e emancipatória. Luckesi (2002) ressalta que a prática escolar usualmente denominada avaliação da aprendizagem pouco tem a ver com avaliação, pois vem se constituindo muito mais provas/exames do que de avaliação. Avaliação no sentido de avaliar o estudante em todos os aspectos e situações durante o processo de ensino.

Nesse sentido, este trabalho investigativo foi desenvolvido com a intenção de verificar não a avaliação no ensino médio, mas a prova como prática em busca de resultado final. Segundo Freitas (2013) nas instituições escolares os objetivos permanecem embutidos na situação de ensino e aprendizagem e na própria avaliação e terminam decidindo o destino do aluno, já que é a avaliação que define se ele terá ou não acesso a mais conteúdo e a qual conteúdo. O autor afirma que é esta a posição da avaliação, como reguladora de quais estudantes poderão ter acesso aos novos conteúdos no futuro, que faz dela uma categoria central no processo pedagógico da escola atual, sendo este o conceito de avaliação predominante na prática pedagógica, voltado para a classificação e seleção.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Prova Escrita no Dia a Dia do Contexto Escolar

Avaliar é prática comum em sala de aula. Para muitos professores é essa prática, que constitui a chave para se encerrar o bimestre ou até o ano letivo, por meio, da prova escrita, sendo esse um processo complexo e distinto, cuja formulação exige de muitos estudantes momentos de desgaste e de pressão e muitas vezes não garante o alcance dos resultados positivos para ser aprovado. Segundo Hoffmann (2009) a avaliação passa a ser classificatório e não emancipatória, quando se resume unicamente a dar notas, fazer provas e registrar as notas, fazendo um julgamento de valor' dos resultados alcançados.

A avaliação tem sido enumeras vezes entendidas por alguns professores no Ensino Médio como notas para passar de ano. Não levando em conta os vários contextos trazidos pelos alunos, o conhecimento de mundo, a consideração ao estudante como um sujeito humanizado. Nesse sentido, Hoffmann (2009, p.99) afirma que “os registros de avaliação exigem exercício de descrever e refletir teoricamente sobre as manifestações dos alunos, partindo para encaminhamentos ao invés de permanecer nas constatações”.

É interessante ressaltar, que a avaliação está correlacionada ao aprofundamento na aprendizagem e conduz a momentos em prol dos estudantes para a tirada de dúvidas, anseios, trocas de experiências, enfim, um momento prazeroso que traz benefícios a todos os envolvidos em sala de aula. Para Luckesi (2006) a avaliação pressupõe acolhimento, tendo em vista a transformação, porém a prática avaliativa de provas e exames visa a separação entre os que conseguiram atingir um meta e os que não conseguiram, se pensada desse jeito ela acaba sendo um julgamento de valor.

A avaliação tem muito a ver com quem está avaliando, ou seja, há vários tipos de professores, desde o emancipador até o que pune. Nesse sentido, Paulo Freire (1996) reflete sobre os vários tipos de professores:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Nesse sentido, do mesmo modo que o professor pode ter essas características acima. Vimos como o primeiro passo para a emancipação do estudante como sujeito um processo que atribua sentido ao contexto e que a avaliação seja feita de maneira competente e com profissionais que tenham um olhar transformador para que o estudante do Ensino Médio não precise preocupar-se com o fim em si, ou seja, visar apenas a nota para passar de ano, mas como um meio para aprender com qualidade. A avaliação da aprendizagem escolar subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática, para a criação de novos instrumentos de trabalho

e a retomada de aspectos que devem ser revistos e ajustados para adequá-los ao processo de aprendizagem de todo o grupo. Luckesi (2006, p. 66).

A avaliação com o foco no Ensino Médio somente para o apontamento de nota, muitas vezes, exclui o estudante ao invés de incluí-lo. A prova escrita como único instrumento de avaliação necessita ser repensada. Próximo tópico a ser estudado.

2.2 A Prova Escrita Como Único Instrumento de Avaliação

A prova escrita como único objeto ou instrumento de avaliação é contestável. De acordo com Wachowicz & Romanowski (2003, p. 23), a forma de avaliação mais comum nas instituições de ensino ainda é um registro em forma de nota, procedimento este que não tem as condições necessárias para revelar o processo de aprendizagem, tratando-se apenas de uma contabilização dos resultados.

A avaliação é uma troca de saberes entre o estudante e o professor. Avaliar é um ato democrático, desde quando levado em conta o conhecimento de mundo e a aprendizagem de forma prazerosa de modo que o aluno apreenda o conteúdo. Conforme afirma Paulo Freire (1997) “O aluno ensina ao aprender e o professor aprende ao ensinar”.

Não há um modelo pronto e acabado para a aplicabilidade de avaliação no Ensino Médio. Diversos tipos de avaliações são apresentadas aos estudantes e os instrumentos utilizados pelos professores são os mais variados possíveis. Nesse ínterim, cabe a cada docente escolher o que melhor se adapta a seu tipo de trabalho ou ao que está sendo aplicado em sala no momento de avaliar o estudante. Vale ressaltar, que é nessa proposta que a avaliação necessitaria ser vista. Aproveitar o tempo para corrigir a prova escrita como uma oportunidade de discussão do conteúdo também seria válido, assim, acredita-se, que seria uma maneira do estudante apreender o que foi ensinado. Segundo Chauí (2003) a prática pode se definir:

Por uma prática social determinada de acordo com sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular. Não está referida a ações articuladas às ideias de reconhecimento externo e interno, de legitimidade interna e externa, mas a operações definidas como estratégias balizadas pelas ideias de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define. Por ser uma administração, é regida pelas ideias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito. Não lhe compete discutir ou questionar sua própria existência, sua função [...] (CHAUÍ, 2003, p. 6)

Vale salientar, que as provas de cunho tradicional se caracterizam por memorizar ou decorar e a avaliação constante, individual e formativa é caracterizada pelo conhecimento ou aprendizagem, que o estudante teve durante o processo formativo. Sabedores, que desse modo de avaliar levando em conta todas as condicionantes possíveis e mesclando de forma intencional a aula no âmbito educativo. Segundo Hoffman (2008) as transformações de avaliação são multidimensionais, pois avaliar envolve valor, e valor envolve pessoa. Luckesi (2000) corrobora afirmando que a

avaliação não é pontual, mas sim, diagnóstica, por isso, dinâmica e inclusiva.

Avaliar é reconhecer o aluno como sujeito. Todo estudante tem sua importância, sua contribuição a ser acrescentada, anseios, necessidades, vivências e conhecimento. Dessa forma, cabe a cada educador ministrar de forma precisa a aula e avaliar de maneira coerente e eficaz para que todos, professore e estudantes, sintam-se realmente sujeitos de sua própria história.

3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Contexto sobre a prova escrita como instrumento de avaliação da aprendizagem para estudantes do ensino médio foi desenvolvido em uma escola pública do primeiro ano da baixada santista.

Esse artigo teve como base dados qualitativos desenvolvidos no primeiro ano do ensino médio de uma escola pública da baixada santista. Segundo Gil (2002) a abordagem do problema pode ser qualitativa ao se considerar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A outra questão da pesquisa qualitativa é que não precisa ser um público enorme para ser considerada fidedigna, nesse sentido, sorteamos em uma sala de primeiro ano de Ensino Médio 3 (três) estudantes para serem entrevistados.

Os dados foram coletados por meio de entrevista. Essa coleta foi importante para verificar a opinião dos alunos do ensino médio por meio de análise de entrevista. Segundo Minayo (2010) a entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, sendo abordado pelo entrevistador.

4 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Quadro 02 apresentará as perguntas relativas a avaliação em sala de aula com as principais respostas encontradas após a análise da entrevista, realizando assim, uma síntese do que foi respondido por 3 (três) alunos. Abaixo, verificar-se as respostas dos estudantes e identificado- os com a letra E e os de número 01 (um) a 03 (três) quantidade essa que se faz presente nesse trabalho de cunho investigativo.

| Perguntas | Estudante 1 | Estudante 2 | Estudante 3 |
|--|---|--|--|
| 1) Quais as principais diferenças entre um professor preparado e um não preparado? | <i>E1-Um professor bem preparado, tanto na questão e conteúdo, quanto na de aula, vai cativar a atenção do aluno, com formas de ensino dinâmicas, ativas e interessantes. Com um professor não preparado, não há uma produtividade, e as aulas podem ser consideradas cansativas, pois há um improviso com o objetivo apenas de ministrar o conteúdo.</i> | <i>E2- A própria pergunta já diz tudo. Todos precisam estar preparados para que não seja pego de surpresa em sala de aula.</i> | <i>E3- Um sabe ministrar a aula o outro não sabe nem o que quer fazer com as atividade.</i> |
| 2) O que te incentiva a não desistir de estudar? | <i>E1- A possibilidade de que o estudo me leve a uma carreira com satisfação e estabilidade financeira.</i> | <i>E2- Na verdade nada. Estou aqui porque se ficar em casa vou ter que dar um jeito de ajudar a sustentar a casa.</i> | <i>E3-Saber que posso me superar e ser alguém na vida.</i> |
| 3) Quais os tipos de avaliação que você faz na escola? | <i>E1-Provas escritas, seminários, atividades em casa, atividades em classe com consulta, provas orais, além das avaliações de postura adequada em sala de aula que os professores realizam.</i> | <i>E2- Na verdade isso nunca ficou claro para mim, pois uma vez tirei oito na prova e fiquei com cinco de média. Fui questionar, mas a professora não foi clara e eu não quis ir atrás porque fiquei com medo da nota diminuir mais.</i> | <i>E3- Eu sei que há uma escrita e que é a que vai para meu boletim escolar.</i> |
| 4) Qual a finalidade da prova escrita no ensino médio? | <i>E1-Testar o entendimento do aluno sobre o assunto.</i> | <i>E2- A meu ver nenhuma, porque eu faço as atividades todas e muitas vezes não vejo resultado disso, então não vejo motivo também para ter um dia só de prova.</i> | <i>E3-Nem sei, porque o dia que tem prova escrita fico muito nervoso.</i> |
| 5) Se pudesse sugerir algo para uma educação melhor ou de qualidade o que sugeriria? | <i>E1-Admissão de professores comprometidos, com boa didática; mais exercícios para exercitar o conteúdo e tipos de avaliações relevantes, que levem o aluno a mostrar seu entendimento, e não sua capacidade de decorar frases.</i> | <i>E2- Demissão de alguns professores e contratação de outros melhores.</i> | <i>E3-Sugeriria professores que nos respeitassem como gente e que não gritassem conosco.</i> |

Quadro 02 – Avaliações propostas pelos professores em sala de aula: principais respostas

Fonte: Dados da pesquisa.

Referente ao quadro 01, pode-se notar, na primeira questão, quando perguntado ao estudante quais as principais diferenças entre um professor preparado e um não preparado. As respostas foram surpreendentes. O estudante¹ disse que “Um professor bem preparado, tanto na questão e conteúdo, quanto na de aula, vai cativar a atenção do aluno, com formas de ensino, dinâmicas ativas e interessantes. Com um professor não preparado, não há uma produtividade, e as aulas podem ser consideradas cansativas, pois há um improviso com o objetivo apenas de ministrar o conteúdo”. O segundo afirmou que “A própria pergunta já dizia tudo, pois todos precisam estar preparados para não serem pegos de surpresa em sala de aula” por fim, o terceiro afirmou que “Um sabe ministrar a aula o outro não sabe nem o que quer fazer com as atividades”. Na verdade a educação precisa de professores que dominam os conteúdos, estejam preparados para as adversidades do dia a dia e que busquem a melhor forma para se trabalhar em grupo e se fazer entendido em âmbito educativo. Segundo Pimenta e Lima (2008) o aprendizado de qualquer profissão é prático, que esse conhecimento ocorre a partir de observação, reprodução, onde o futuro educador irá repetir aquilo que ele avalia como bom, é um processo de escolhas, de adequação. Para os autores é um processo de acrescentar também ou retirar, dependendo do contexto nas quais se encontra e, é nesse caso que as experiências e conhecimentos adquiridos facilitam as decisões.

A segunda questão traz uma reflexão sobre a própria vida do estudante. Foi perguntado o que os incentivavam a não desistir de estudar. Um disse que seria “A possibilidade de que o estudo me leve a uma carreira com satisfação e estabilidade financeira”. O outro manifestou que “Na verdade nada. Estou aqui porque se ficar em casa vou ter que dar um jeito de ajudar a sustentar a casa”. Por fim, o terceiro afirmou que seria “Saber que posso me superar e ser alguém na vida”. Segundo Cury (2003, p. 55) “Educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração.”

É interessante ressaltar que educar é semear a aprendizagem é elevar o nível cultural dos estudantes. É nesse ínterim que foram feitas uma pergunta aos entrevistados sobre quais seriam os tipos de avaliação que os estudantes fazem na escola. O primeiro respondente disse que são as provas escritas, os seminários, atividades em casa, atividades em classe com consulta, provas orais, além das avaliações de postura adequada em sala de aula que os professores realizam. O segundo entrevistado disse que “Na verdade isso nunca ficou claro para mim, pois uma vez tirei oito na prova e fiquei com cinco de média. Fui questionar, mas a professora não foi clara e eu não quis ir atrás porque fiquei com medo da nota diminuir mais. Já o terceiro foi contundente em dizer “Eu sei que há uma prova escrita e que é a que vai para meu boletim escolar”. Segundo Tardif (2002) a profissão de um professor se constroi tendo quatro pilares como base, que são: os saberes da formação profissional,

os saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes experienciais que são construídos no decorrer do seu cotidiano. Nesse contexto, esses saberes precisam ser utilizados de forma necessária para sanar as dificuldades ou responder os questionamentos dos estudantes.

Foi perguntado também sobre a finalidade da prova escrita no ensino médio e de imediato respondeu que é “Testar o entendimento do aluno sobre o assunto”. O estudante 2 respondeu “A meu ver nenhuma, porque eu faço as atividades todas e muitas vezes não vejo resultado disso, então não vejo motivo também para ter um dia só de prova”. O terceiro disse “Nem sei, porque o dia que tem prova escrita fico muito nervoso”. Moraes (2008) afirma que a prova está centrada no conteúdo e não nos objetivos. Para ele na escola:

Aplicam estas provas controlando o ambiente: não procedem a explicações, não realizam leituras, não permitem qualquer movimentação. Posteriormente, corrigem as provas atribuindo notas e devolvem as provas e “orientam” os alunos com rendimento insuficiente para “estudarem mais”. Na verdade, ao assim procederem, os professores restringem sua ação à realização de uma avaliação unicamente classificatória [...]. (MORAES, 2008, p. 51)

A avaliação apenas como classificatória limita um espaço de uma aprendizagem de qualidade. Assim, pudemos afirmar que a última questão e não menos importante pede-se aos estudantes sugestões para uma educação melhor ou de qualidade. Segundo o aluno 1 seria a *“Admissão de professores comprometidos, com boa didática; mais exercícios para exercitar o conteúdo e tipos de avaliações relevantes, que levem o aluno a mostrar seu entendimento, e não sua capacidade de decorar frases”*. O segundo disse que seria a *“Demissão de alguns professores e contratação de outros melhores”*. O terceiro disse que *“Sugeriria professores que nos respeitassem como gente e que não gritassem conosco”*. Na Revista Nova Escola (2011) é afirmado que os termômetros da qualidade, os indicadores de evasão e repetência continuam altos (...) E não se pode culpar o aluno por isso. A responsabilidade de ensinar bem é da escola, e o governo precisa ajudá-la.

5 | CONCLUSÕES

Este artigo respondeu os objetivos propostos. O primeiro deles que foi identificar qual o sentido da prova escrita para estudantes dos primeiros anos do ensino médio verificou-se, que para um deles não há sentido, pois se os conteúdos são trabalhados o bimestre inteiro, porque limitá-los apenas em um dia de prova, já que em todos os dias, se poder ser avaliado.

O outro objetivo foi o de analisar se as avaliações têm relevância significativa para o aprendizado do estudante. Percebeu que sim, mas que as mesmas devem ser emancipatórias, cotidianas e não limitadas em apenas um ponto para ser avaliado.

O terceiro objetivo é verificar se os estudantes veem a avaliação como uma aliada da aprendizagem formativa e emancipatória, ou se apenas cumprem com as políticas e práticas estabelecidas pelas instituições e pontuar quais as principais dificuldades apresentadas pelos estudantes em sua formação no primeiro ano do ensino médio sobre a forma de avaliar do professor. Assim, percebeu-se, que os autores entrevistados responderam de forma preponderante e que todos, mesmos com limitações em algumas respostas foram contundentes em afirmar que sabem o que querem na educação.

Os principais resultados mostraram as concepções dos estudantes do ensino médio e o desenvolvimento de cada um em uma escola pública de primeiro ano da baixada santista. Tendo pontos bem divergentes entre as várias questões já citadas anteriormente

Seria importante salientar, que muito se tem buscado uma educação de qualidade e que essa por sua vez esteja voltada para os estudantes de forma a abranger a todos e possibilitar aos mesmos um ambiente emancipatório, coerente e que todos lutam pelos mesmos objetivos, criticidade e emancipação.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, Dez. 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782003000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2018.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**: A educação inteligente; formando jovens educadores e felizes. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a pratica educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, L. C. de, et. al. **Avaliação educacional**: caminhando pela contramão. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª ed. São Paulo. Editora Atlas S. A. 2002.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora**: Uma prática da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2009.

_____. **Avaliação**: entrevista com Jussara Hoffman, 2008. Disponível em: <http://www.dn.senai.br/competencia/src/contextualizacao/celia%20%20avaliacao%20Jussara%20Hoffmam.pdf>. Acesso em: 25 maio 2018.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: estudos e proposições. 18. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Avaliação da Aprendizagem**. 2000. Disponível em: avaliacao_entrev_jornal_do_brasil2000.pdf. Acesso em: 24 maio 2018.

MORAES, D. A. F. Avaliação formativa: ressignificando a prova no cotidiano escolar. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo/BRA: Cortez, 2008.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Apertar o passo**. Ed nº 239, p. 112-115, janeiro /fevereiro, 2011.

ROMANOWSKI, J.P. e WACHOWICZ, L.A. “**Avaliação Formativa no Ensino Superior: que resistências manifestam os professores e os alunos**”. IN: ANASTASIOU, L.G.C. e ALVES, L.P. (Orgs). **Processos de Ensino na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville,SC: UNIVILLE, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1995.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-369-9

